

DISCURSO HISTÓRICO: ESQUECIDO QUE SE LEMBRA, MEMÓRIA QUE SE ESQUECE

Maria Beatriz Ferreira Lavieri*

*... "se trata para Freud
(...) de rememoração, isto é de história,
fazendo repousar unicamente
sobre a faca das certezas de data
a balança onde as conjecturas sobre o passado
fazem oscilar as promessas do futuro".*

Jacques Lacan

O Desencontro entre Sujeito e Objeto

A conexão entre discurso histórico e psicanálise coloca-se para mim como uma questão instigante. Sei que tentar uma articulação como essa não é sem problemas. A começar pela concepção de sujeito, que ganha em psicanálise um estatuto diverso do que se instituiu como sujeito no discurso histórico.

Interrogando o sujeito na sua relação com o mundo da linguagem e com o mundo dos objetos, a psicanálise rompeu com a centralidade do sujeito da razão, marcando um momento fundante no campo do saber. Para a psicanálise, sendo o falante sujeito da linguagem, é no campo dos significantes que ele entra em relação com seus semelhantes, constitui a sua própria fundação enquanto sujeito e modela o mundo que o cerca.

A psicanálise partiu precisamente dos conflitos do humano decorrentes de sua condição de falante. É que, embora a linguagem seja condição de sujeito, as palavras não são suficientes para dar conta do ser das coisas que estão no mundo e do que o sujeito é no real. No entanto, a linguagem não é uma

* Pesquisadora do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Paraíba e integrante do Ato Analítico - Transmissão Freudiana (João Pessoa/PB).

potência invisível. Ela captura um ser vivo particular - aquele que fala - com consequências sobre seu ser, seu corpo e seus atos. Diz Jacques Lacan:

*“A descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e a ascensão de seu sentido até as instâncias mais radicais da simbolização no ser. (...) Os símbolos envolvem, com efeito, a vida do homem, com uma rede tão total, que conjugam antes aqueles que vão engendrará-lo ‘pelo osso e pela carne’”.*¹

Para precisar a noção de sujeito em psicanálise, distinguindo-a do sujeito cartesiano, Lacan, no percurso da descoberta freudiana, produz uma torção no *cogito* de Descartes, negativando sua função causal.² Do *“penso, logo sou”* de Descartes, propõe: *“penso onde não sou, sou onde não penso”*. Enquanto o sujeito em Descartes é unificado, encontrando a certeza de seu ser a partir do pensamento, o sujeito em psicanálise é dividido, marcado pelo desencontro entre o ser e o pensar: *“não penso lá onde sou”* e *“sou lá onde não penso”*.

O sujeito, representado no campo da linguagem por diversas designações - nome próprio, pronome pessoal, denominações familiares e papéis que recebe ou que se outorga em sua inserção social - não se faz, presente em quaisquer destas designações. Sua divisão reside propriamente na condição inescapável do ato de sua representação ser, a um só tempo, ato de sua exclusão.³ O ser do sujeito se colocará sempre num intervalo aquém ou além das representações. O real do ser é marcado pela incompletude simbólica.

¹ LACAN, J. “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise” in *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1966, p. 139 e 143. Todas as demais citações textuais de Lacan presentes no corpo do trabalho referem-se a este seu escrito.

² Ver LACAN, J. *Seminário 15: O Ato Psicanalítico*. S.L.: S.E., S.D.

³ Abordo a questão das implicações dessa divisão do sujeito sobre os papéis de liderança no artigo “Liderança, Conflito e Identidade Política: A Psicanálise tem Algo a Dizer sobre Isso?” in NASCIMENTO, E. P. e BARREIRA, I. A. (orgs.). *Brasil Urbano: Cenários da Ordem e da Desordem*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

Na ótica da psicanálise revisitada por Lacan, o real nem é passível de ser resgatado pelo pensamento, nem é um dado *a priori*. O real do falante é constituído pela mediação simbólica: só retroativamente ao uso do significante algo se bordejia - e apenas se bordejia - enquanto real. Do real em si o sujeito permanece apartado, a despeito de suas inescapáveis implicações. É próprio do real ser impossível ao falante, se constituir na alteridade mais radical do sujeito.

A hipótese do rompimento do limite entre a linguagem e o real é da ordem do mito. Como abordava em um trabalho anterior,⁴ diante da cisão que se presentifica no sujeito, o mito responde pelo recurso a uma suposta anterioridade de completude, o que pressuporia a possibilidade de idealizar um porvir de completude do sujeito onde a palavra incorporaria o real. Ou seja, tratar-se-ia de reencontrar a unidade perdida. Mas, paradoxalmente, já que só pode expressar-se pela linguagem, o mito radicaliza, a um só tempo, o limite do significante e a condição do real como ponto de impossibilidade, como vazio de saber.

O mito, no entanto, cumpre uma função: a de fornecer ao falante um mínimo de realidade à sua produção significante. É nesse sentido que entendo o que Lacan fala no seminário sobre "A Transferência",⁵ ao situá-lo como aquilo que emerge nos momentos onde se faz necessário suprir a lacuna que subjaz ao que é construído dialeticamente. O mito é causado precisamente por essa lacuna, pela hiância real que é própria ao discurso. É o que o real tem de traumático por apontar para o sujeito, não no que ele é - "*penso, logo sou*" - mas no seu desaparecimento - "*sou onde não penso, penso onde não sou*" - que move o falante a dizer do indizível, a querer avançar com a palavra onde a palavra não vai. A via do significante é a única

LAURENTE M. D. F. "O que nasce já é: História e Pré-História" in FERNANDES, I.R.S., AMORIM, L.H.B. e GONÇALVES, R.C. (orgs.). *Debates Regionais: História, Pesquisa e Ensino*. João Pessoa: NDIHR/UFPB, 1993.

LAURENTE M. D. F. "Seminário 8: A Transferência". Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p.123.

que ele dispõe para tentar fazer do que lhe é estranho, do que constitui a sua alteridade mais radical, algo de familiar, algo em que ele possa de algum modo se situar.

Em resumo, aquele que fala nunca resgatará como tais as coisas do mundo, nem se encontrará falando. Entre os significantes que estão à sua disposição e os corpos - forma imaginária de tomada do real pelo falante - resta sempre um diferencial inacessível, algo falta a ser.

Esse diferencial é o que se denomina em psicanálise de "objeto perdido". Tal objeto não tem nem nunca teve existência real, é apenas esse diferencial. Sua condição é a de ser impossível ao sujeito, de ser perdido desde sempre, de ser aquele que fica de fora desde o primeiro (des)encontro do falante consigo próprio, com seus semelhantes e com as coisas do mundo.

Se não é dado encontrar o objeto, se sobre ele nada é dado saber, é nessa medida mesma que ele é causa do desejo humano. Dito de outro modo, o desejo - e aí se inclui o desejo de saber - emerge propriamente onde, entre os objetos disponíveis à satisfação, resta um diferencial de insatisfação, o qual, ao mesmo tempo que faz do falante um sujeito de busca, vem marcar o eterno desencontro entre o que é buscado e o que é encontrado. É condição do sujeito ser sujeito do desejo, é condição do desejo ser desejo insatisfeito.

O Sentido e o Não-Senso

Se a idéia de sujeito em psicanálise não pode ser descolada desse conflito na relação sujeito/objeto, que advém da inserção do sujeito no mundo da linguagem, é também por um viés diverso que a psicanálise aborda as relações do sujeito com aquilo que a vertente da história oral denomina de mentalidades: as representações que os homens fazem do mundo, de si próprios e de seus semelhantes.

O precioso da psicanálise foi colocar em questão o sujeito do sentido: este sujeito que, no discurso, aparece como quem enuncia alguma coisa, ou aquele a respeito do qual algo é enunciado.

Fazendo uma primeira aproximação, talvez eu possa dizer que naquilo que, do estudo das mentalidades, os historiadores refutam a título de “erro subjetivo” ou “sem sentido”, a psicanálise encontra seu fundamento. O que no discurso é constatado como lapso não consentido, tem em psicanálise o estatuto de ato bem sucedido. Do ato falho do sujeito da razão, do que foge ao sentido em seus atos e enunciados, Freud descortinou um acerto: o do inconsciente.

Lacan situa o sujeito do inconsciente como sujeito do significante, distinguindo-o do eu em sua dimensão de sujeito do sentido, de sujeito das representações e da razão. Um significante é aberto a várias significações. Nenhum significante consiste na significação que ele é capaz num determinado momento. Na ordem da significação uma palavra tende sempre a remeter a uma outra até o infinito. É sempre numa relação de um a outro ou de um a outros significantes que se formula algo da ordem do sentido. Não há qualquer palavra isolada adequada ao sentido: a matriz mínima do entendimento é um significante e depois outro. Embora efeito de uma produção de sentido, a condição do sujeito do significante, por outro lado, é a de ser excêntrico em relação ao sentido, ser sujeito do enigma que resta do sentido, do significante que restou solteiro entre os pares.

Portanto, se falar de inconsciente em psicanálise é referir-se à produção de um saber de sujeito, trata-se de um saber **não-sabido**, um saber que não é conhecimento, que não é da ordem do entendimento: é puro **não-senso**, é um saber que divide o sujeito, que o descentra face a consciência. Como abordo ao final deste texto, o recalque é uma das formas do sujeito lidar com esse saber que o divide.

Foi em torno desse saber inconsciente, e apostando nele, que Freud desenvolveu sua experiência e ergueu seu edifício conceitual. A tessitura de seu texto teve como matéria prima os elementos perturbadores da ciência, os resíduos e refugos da razão. Com eles, Freud instaurou uma nova ordem no próprio âmbito da ciência. Se esses elementos já eram reconhecidos como perturbadores, o gênio de Freud foi sair do plano da pura constatação, foi se perguntar de sua causa e de seu responsável. Mais ainda, foi revelar a sua relação com a ordem da razão.

Sendo a psicanálise voltada para as produções do inconsciente, para o que emerge de não-senso no ato do discurso, penso que não pode ser desconsiderada a distância que a separa daquilo que os historiadores não podem abrir mão: de dar sentido à palavra e à ação dos homens. Nessa medida, produzir um texto de história com referenciais da psicanálise não é o que proponho aqui. Mas, depois de Freud e do que a partir dele avança Lacan, penso que também não há mais como desconsiderar que em todo ato e todo discurso está implicado esse sujeito que os ultrapassa: o sujeito do inconsciente. Considero legítimo, portanto, interrogar com parâmetros da psicanálise sobre que modo particular tal sujeito tem lugar no modo particular de discurso que é o da história. É por esse ângulo que busco, a seguir, construir uma leitura do escrito de Lacan, intitulado *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*.

Um Passado que se Realiza no Presente

Preparado para a conferência de abertura do congresso de psicanalistas que teve lugar em Roma, em setembro de 1953, o escrito de Lacan ficou conhecido como *Discurso de Roma*, mesmo não tendo chegado a ser apresentado no congresso.⁶

⁶ Com a crise na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), que resultou no afastamento de Lacan da presidência e desligamento da SPP em julho de 1953, ele foi impedido de apresentar seu trabalho no congresso.

Dentre seus escritos, este é o mais extenso, sendo bastante amplo na abordagem da questão psicanalítica. O viés de leitura que faço, no entanto, se restringe ao que ultimamente tem se constituído em campo de minhas inquietações: as conexões entre história e psicanálise.⁷

Logo na introdução é anunciado a que o escrito se propõe a renovar na psicanálise os fundamentos que ela tomava da linguagem. *“Iguamente, é dito a seguir, essa renovação tomava da história demasiado sentido”* (p.103).

Esta afirmação, quando eu buscava uma articulação com o propósito exatamente inverso - de pensar a história com instrumentais teóricos da psicanálise - me deixou intrigada. Mais adiante me deparei com uma afirmação que me deixou mais intrigada ainda. É dito ali: *“o que ensinamos ao sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história”* (p.126).

De que história do sujeito fala Lacan? No quê da história do sujeito pode ser reconhecido o inconsciente? A inquietação me veio sobretudo face à idéia que tinha até então de que a história estaria apenas do lado dos sentidos, restringindo-se ao que é dado a qualquer sujeito conhecer, construir de coerente, como resposta às suas questões sobre o passado, sejam elas particulares ou do contexto cultural.

Antes de situar o que vejo em torno da relação feita por Lacan entre inconsciente e história, quero me referir aos aspectos da história que ele situa como parâmetros para a psicanálise.

Esses parâmetros, diz ele, não são os das pretensas leis da história, *“que cada época encontra seu filósofo para divulgá-las ao capricho dos valores que aí prevalecem”*

⁷ Abordo este escrito de Lacan por ângulos diferentes em dois outros textos. Em *“O Discurso de Lacan na Trajetória do Pensamento de Lacan”*, apresentado, em janeiro de 1995, no Grupo de Estudos de Lacan do Ato Analítico - Transmissão Freudiana, busco situá-lo em relação aos aspectos teóricos anteriores de Lacan e em relação aos seus avanços posteriores. Em *“Discurso de Lacan e Crise na IPA”*, apresentado no Ciclo de Seminários do Ato Analítico - Transmissão Freudiana, em julho de 1995, trato do que este escrito representou no percurso de Lacan no que diz respeito à sua relação com o movimento psicanalítico.

(p.125). No meu entender, Lacan se opõe aqui a certas concepções correntes que supõem haver leis intrínsecas, próprias aos acontecimentos, leis estas que os regeriam, determinando formas de relações e etapas necessárias de desenvolvimento histórico. Tais leis, longe de se situarem nos acontecimentos, acham-se efetivamente na rigidez deste ou daquele ideal, deste ou daquele pressuposto teórico.

O que é apontado no discurso do historiador de valor para a psicanálise é que o historiador revela a história enquanto uma **atualização subjetiva do passado no presente**. Pela leitura que faço, Lacan chama a atenção para o aspecto de que a história não obedece a uma linearidade temporal, cronológica, a algo que se tecesse numa linha evolutiva. Ela se tece num movimento retroativo: é a atualidade subjetiva do historiador que decide sobre o evento passado, constituindo-o como tal. E, na medida que o historiador se constitui e se legitima na palavra de uma comunidade linguística, isso se dá "*numa linguagem que permite a seu discurso ser ouvido (entendido) por seus contemporâneos, e mais ainda que supõe o discurso presente desses últimos*" (p.120).

Em resumo, Lacan sublinha no discurso da história o aspecto atual e marcadamente subjetivo do passado. Se ele elege o historiador para abordar essa questão é, a meu ver, pela maior transparência da subjetividade do seu ato e pela semelhança com o discurso que o analista encontra em seus pacientes. Tal qual o historiador, os pacientes em análise operam por uma reconstrução do passado no presente. Essa reconstrução se faz não em torno do que o sujeito realmente foi - elo de princípio já perdido, pois vivido subjetivamente, dado sua condição de falante - mas do que o sujeito teria sido - no condicional de um futuro anterior - retroativamente ao que se presentifica nas questões que lhe são enigmáticas. O modo de reconstrução de sua história é singular a cada sujeito, é, por assim dizer, seu mito de origem, sua metáfora de fundação. Guarda, no entanto, uma linguagem que inclui esse particular no universal, "*tem*, como

diz Lacan, *o caráter de uma língua que se faria ouvir em todas as outras línguas*” (p.158).

A evidência de que o historiador faz um resgate subjetivo do passado está, a meu ver, em que este, na maioria das vezes, vem contar hoje a história de um passado que não viveu, que não se pode dizer que tenha registro factual em sua biografia. O interessante é que embora a história narrada pelo historiador não passe diretamente pela experiência, de algum modo diz respeito a ele, na medida que o historiador se reconhece na coletividade humana dessa experiência histórica, produzindo em seu discurso algo que, ao mesmo tempo, lhe é universal e particular. Ou seja, algo que ao ser passado, não nos fatos em si - já que irre recuperáveis - mas no *epos* - nos documentos de arquivo, tradições, mitos e lendas - relaciona com a hora presente suas raízes na cultura. Isso é que constitui seu ato subjetivo precípua.

Aproximando psicanálise e história, Lacan diz que a rememoração é para a análise seu “material”, do mesmo modo que os mitos originais da cidade são o “material” da história. Em linguagem heideggeriana ele se expressa: *“uma e outra (psicanálise e história) constituem o sujeito como gewesend, isto é, como sendo aquele que assim foi”* (p.120).

Ao final do escrito, Lacan retoma a questão e, criticando os analistas que postulam da necessidade e possibilidade do analisante resgatar na análise o real vivido de suas experiências, complementa:

“o exemplo da história dissipa como uma miragem esse recurso à reação vivida que obseda nossa técnica assim como nossa teoria, pois a historicidade fundamental do evento que retemos basta para conceber a possibilidade de reprodução subjetiva do passado no presente” (p.152).

É nessa possibilidade de atualização subjetiva do passado que ele situa a pesquisa histórica autêntica. Fazendo um paralelo com a psicanálise, Lacan diz que a diferença que separa a pesquisa histórica autêntica das pretensas leis da história é a

mesma que, em psicanálise, separa as supostas fases instintuais do desenvolvimento individual da pesquisa dos eventos particulares da história de um sujeito (p.125). Para ele ambos os eventos - particulares e sociais - obedecem a uma gramática e não a uma cronologia.

O Sentido da História: entre Recalque e Ideais

*... "o esquecido se lembra em seus atos,
e a anulação se opõe ao que se diz em outra parte,
como a obrigação perpétua no símbolo,
a miragem mesma onde o sujeito se encontrou preso".*

Jacques Lacan

No segundo aspecto que Lacan toma a história como parâmetro, a questão que está em causa é a do recalque na sua relação com os ideais. É a propósito disso, no meu entender, que ele propõe algo a reter dos diferentes sentidos construídos pelos historiadores na marcha da história. Como é referido no texto, o papel de ideais desses sentidos é considerável e *"leva a distinguir o que se pode chamar de funções primária e secundária da historização"* (p.125).

O que seriam essas funções primária e secundária da historização? Como situar aí a problemática do recalque e dos ideais? Penso que, no caminho de respostas a estas questões, possam ser encontradas pistas que possibilitem tornar mais próxima a idéia de que o inconsciente é a história do sujeito.

Lendo a história como um discurso, cujo progresso da técnica *"se define no ideal de uma identificação da subjetividade do historiador à subjetividade constituinte da historização primária onde se humaniza o evento"*, Lacan complementa: *"é claro que a psicanálise encontra aí seu alcance exato"* (p.152).

O exemplo que lança mão para abordar o problema é o de duas conjunturas históricas distintas em que o subúrbio de

Naint Antoine teria sido palco de tumulto. Na primeira conjuntura o evento fôra subjetivado por seus atores como vitória ou derrota do Parlamento ou da Corte e, na segunda, como vitória ou derrota da burguesia ou do proletariado.

Aqui ele introduz a idéia de que a lembrança do segundo tumulto, em seu modo particular de subjetivação marxista, permanece viva na memória dos homens, às custas do primeiro tumulto retornar ao valor bruto do trauma, suscetível de apagamento da lembrança. Isso, acrescenta Lacan, *"enquanto houver homens para quem as palavras-chaves do materialismo dialético terão um sentido"*. E conclui imediatamente a seguir:

"Então seria demais transportar essas observações para o campo da psicanálise, uma vez que já estão nele. (...)O que ensinamos ao sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história - isto é, ajudamo-lo a perfazer a historização atual dos fatos que determinaram já em sua existência um certo número de 'volteios' históricos. Mas se tiveram esse papel é já enquanto fatos da história, isto é, enquanto reconhecidos em um certo sentido ou censurados numa certa ordem" (p.126).

Assim, além da possibilidade posta pela história de atualização subjetiva do passado no presente, é resgatada com esse exemplo a função dos ideais - no caso, o de valor marxista - de apagar da lembrança ou deixar sob censura o que, da lembrança, resiste à significação. A significação, cativa do ideal - do que o pressuposto intelectual impõe - remete para outro campo o que teima em não se amoldar à fixidez do ideal. Que lembrar, significar, seja retroativamente censurar, recalcar saber, parece ser a descoberta freudiana que aqui retoma Lacan. Mas neste esse saber sob recalque é a defesa encontrada pelo psiquiatra contra o que não se dá a conhecer. *"A amnésia do recalque - diz Lacan em relação ao exemplo proposto - é uma das formas mais vivas da memória"* (p.126).

É nesse ponto preciso, a meu ver, que a psicanálise se aproxima e, ao mesmo tempo, se coloca em ruptura com o

discurso da história, encontrando, como dizia Lacan, “*seu alcance exato*”. Enquanto os ideais do discurso histórico - seus referenciais e pressupostos - operam de maneira a manter em amnésia o recalque, a função da análise é a de colocar em ação o recalcado, de trazer à lembrança os significantes recalcados da significação, reintroduzindo na fala do sujeito seus enigmas e estigmas históricos.

Se há uma aproximação com o discurso histórico é na medida mesma que, tal qual o historiador, é em busca de sentido, em referência a certos ideais, que se situam aqueles que recorrem a uma análise. Ou seja, é para o ideal de uma resposta à causa de seu sofrimento que eles endereçam suas demandas.

Mas, do mesmo modo que Freud suspendeu a idéia da causa orgânica como responsável pelo sofrimento humano, foi rompendo com a idéia de haver uma identidade entre ideal e causa - ou, o que é o mesmo, foi se afastando da colocação do ideal no lugar da causa - que ele delimitou o que é específico ao campo da psicanálise. Dizendo de outro modo, demarcar o que é próprio a este campo implicou na suspensão das certezas do campo da ciência médica e da ordem moral - seja ela religiosa ou das ciências humanas.

Na conferência sobre “A Questão de uma *Weltanschauung*” de 1933, Freud retomou a idéia, que já havia esboçado em “O Interesse Científico da Psicanálise” (1913) e em “Inibições, Sintomas e Angústia” (1926), de que não há uma conciliação possível entre psicanálise e *Weltanschauung*. Este termo costuma ser traduzido em português por “cosmovisão” ou “visão de mundo”, mas, como Freud mesmo adverte, tem em alemão uma definição precisa: é um construto intelectual que, apoiado em uma hipótese superior dominante, daria conta dos problemas da nossa existência, tudo encontrando nela o seu lugar.⁸

⁸ FREUD, S. “A Questão de uma *Weltanschauung*” in Edição *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud reconhecia na posse de uma *Weltanschauung* uma das maiores aspirações dos seres humanos, mas o fazia para sublinhar seu caráter de **ficção**, de **ideal**, sendo uma tentativa inescapavelmente frustrada de obturar uma falta estrutural: a do que não se dá a conhecer. Quanto a isso, dizia ele em "Inibições, Sintomas e Angústia":

"O viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar seus próprios temores; mas, apesar de tudo isto, não envergará mais que um palmo adiante do nariz".⁹

Freud não só se opunha a uma apropriação dos demais saberes como *Weltanschauung* para a psicanálise, como a que tentassem fazer da própria psicanálise uma espécie de *Weltanschauung*. Em relação a este último aspecto, dizia ele:

"Muitos autores (...) exibem forte tendência para transformarem o que eu disse em pedra angular de uma Weltanschauung psicanalítica. Contudo, por certo o psicanalista, com seus conhecimentos da forma como o recalque atua, deve, justamente ele, ser impedido de adotar um ponto de vista tão extremo e unilateral".¹⁰

A psicanálise, diz Lacan retomando Freud, "*é um método de desmistificação das camuflagens subjetivas*" (p.105). "*A arte do analista - pondera ele - deve ser a de suspender as certezas do sujeito, até que se consumam as últimas miragens*" (p.116).

É dentro da ótica do que subjaz a esta aposta freudiana retomada por Lacan que prossigo a leitura do "Discurso de Roma", particularmente do que é denominado ali de funções primária e secundária da historização.

Penso que o registro da função secundária da historização é o do encadeamento discursivo do sentido, que vai

9. FREUD, S. "Inibições, Sintomas e Angústia" in Edição *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.118.

10. FREUD, S. "Inibições, Sintomas e Angústia". op.cit., p.117.

buscar na origem (no passado) o que na chegada (no presente) já estava previsto pelo ideal. A função primária da historização, por outro lado, é a que introduz uma ruptura nessa ordenação discursiva, a que marca uma falta na continuidade desse discurso. Essa falta se produz noutra cena - é o campo do inconsciente, que é, como diz Lacan, estruturado como uma linguagem, mas não se exprime no discurso, ex-siste ao campo do sentido e das certezas da moral e dos ideais.

É por aí que consigo vislumbrar algo próximo à afirmação de que o inconsciente é a história do sujeito. É sua história na medida que se inscreve numa outra cena, como a parte ausente, como aquela que falta na disposição do discurso consciente. Mas essa falta que aí se introduz não é no sentido de que completaria o discurso consciente, de que o que está ausente em um estaria presente no outro.

Sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, ele constitui em seu “cerne” a dimensão do objeto e do que ele guarda de impossível. Por outro lado, se ele é estruturado como uma linguagem, isso não quer dizer que ele seja uma linguagem, que permita uma leitura, que permita a significação ausente do discurso consciente. O inconsciente não se dá a conhecer. O que ele tem como suporte são os representantes recalcados da significação.

Penso que é para o que esses representantes recalcados constituem de marca histórica, de lacuna na história do sujeito, que Lacan chama a atenção. Mais ainda, o que ele parece querer sublinhar é que é no nível da função secundária da historização, mas não se exprimindo a esse nível, que se institui o recalque, que se institui algo como representante do capítulo censurado, recalcado da história do sujeito.

Esse recalcado, estigma histórico, com a dimensão do objeto que lhe escapa, se produz a cada momento discursivo. Mesmo mantido sob amnésia no discurso histórico, ele retorna, insiste na repetição, sustentando vivo o desejo, sustentando o historiador, por assim dizer, historiando. Nada em seu discurso

que não provenha do peso do que se marca como ausente de seu discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. "A Questão de uma *Weltanschauung*" in Edição *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

"Inibições, Sintomas e Angústia" in Edição *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

"O Interêsse Científico da Psicanálise" in Edição *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LACAN, J. "Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise" in *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1966.

Seminário 15: O Ato Psicanalítico. S. L., S. E., S. D.

Seminário 8: A Transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LAVIDE, M. B. F. "O que nasce já é: História e Pré-História" in FERNANDES, I. R. S.; AMORIM, L. H. B. e GONÇALVES, R. C. (orgs.). *Debates Regionais: História, Pesquisa e Ensino*. João Pessoa: NDIHR/UFPB, 1993.

"Liderança, Conflito e Identidade Política: A Psicanálise tem Algo a dizer sobre Isso?" in NASCIMENTO, E. P. e BARREIRA, I. (orgs.). *Brasil Urbano: Cenários da Ordem e da Desordem*, Rio de Janeiro: Notrya, 1993.